

Ted Hughes

A Mulher de Ferro

Ilustrações de Andrew Davidson



PONTO DE FUGA
DE

Ted Hughes

TÍTULO

A Mulher de Ferro

AUTOR Ted Hughes

TÍTULO ORIGINAL *The Iron Woman*

TRADUÇÃO Sara Vieira

ILUSTRAÇÕES Andrew Davidson

REVISÃO LITERÁRIA Margarida Vale de Gato

REVISÃO LINGÜÍSTICA Nuno Quintas e Vladimiro Nunes

COMPOSIÇÃO E PAGINAÇÃO João Paulo Oliveira

ISBN 978-989-99759-5-8

IMPRESSÃO E ACABAMENTO a Persistente — artes gráficas

1.ª Edição | maio de 2018

Reservados todos os direitos

© 1993 The Estate of Ted Hughes

Ilustrações © 1993 Andrew Davidson

© 2018 Ponto de Fuga, para a presente edição

Rua de Ponta Delgada, 58-B, 1000-244 Lisboa

Telefone: 215 929 604 | www.pontodefuga.pt

Este livro adota o Acordo Ortográfico de 1990

PONTO
DE
FUGA

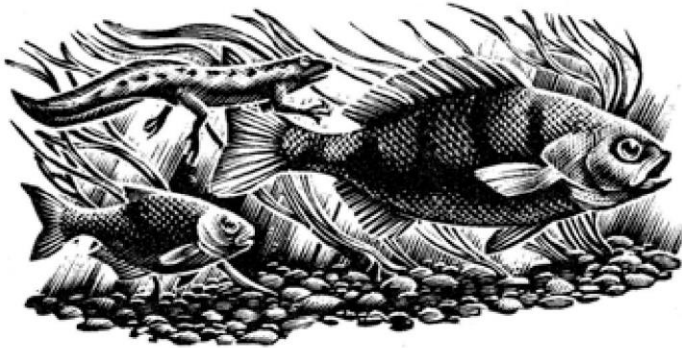
Ted Hughes

A Mulher de Ferro

Ilustrações de *Andrew Davidson*

PONTO DE FUGA





A escola tinha acabado, dando início às férias da Páscoa. Lucy caminhava para casa, entre as margens do canavial, ao longo da estrada do pântano, quando tudo começou. Acabara de chegar à pequena ponte onde a estrada passa por cima do profundo canal do esgoto. Ela chamava-lhe a Ponte do Banquete das Lontras, porque uma vez vira uma lontra, sentada na beira da ponte, sobre a água negra, a devorar uma enguia. Já tinham passado três anos. Mesmo assim, sentia-se empolgada sempre que chegava àquele sítio da estrada e olhava sempre ansiosa para a ponte em frente.

Nesse dia, como de costume, a ponte estava vazia. Ao atravessá-la, Lucy olhou através do gradil, para dentro da água negra. Era o que sempre fazia, para o caso de encontrar uma lontra lá no fundo, na água, a olhar para ela, ou talvez a nadar por baixo da ponte naquele preciso instante.

E hoje, algo se passava. Mas o que era, lá em baixo na água? Debruçou-se sobre o gradil e olhou cismada.

Na profunda água escura, algo pálido contorcia-se incessantemente. Um peixe?

E de repente percebeu. Era uma enguia — a fazer coisas estranhas. Ao início pensou que eram duas a lutar. Mas não. Era apenas uma. Atava-se e desatava-se em nós. Depois começou a nadar em voltas velozes, rodopiando sobre si mesma vezes sem fim, à medida que avançava. A certa altura, a cauda escapou-se-lhe para fora de água. Depois, contorceu-se sob a lama, levantando uma nuvem cinzenta à deriva. Então voltou de novo à tona, a cabeça balançando para cima e para baixo no ar. Lucy via o seu focinho embicado, depois a pequena boca a abrir. Via o branco do interior da sua boca.

E já se retorcia e apertava num nó. Uma enguia pequena até, de trinta centímetros apenas.

À medida que dançava a sua dança retorcida, rodopiante e frenética, ia de arrasto na corrente do esgoto. Pouco depois, saiu da vista de Lucy, sob o brilho da água. Depois, dezoito metros à frente, ela viu a sua cabeça a boiar para cima e para baixo. Depois, rodopiou e desapareceu de novo. Depois, para cima outra vez, para baixo, para cima, para baixo, para cima, para baixo.

O que tinha ela? Ao observar a sua bizarra cabeça rodopiando assim na água, e a sua pequena boca a abrir, Lucy sentiu um doloroso aperto por dentro. Queria ter pegado na enguia e ajudado. Precisava de ajuda. Alguma coisa se passava com ela.

Nesse instante, enquanto olhava para o ondulado brilho no sítio onde o canal se curvava para o meio dos altos caniçais, sentiu algo mais.

Primeiro, não fazia ideia porque é que sentia tonturas e as suas pernas vacilavam. Agarrou-se ao gradil da ponte e afastou as pernas para se apoiar. Teve a sensação de que o próprio gradil lhe sacudira as mãos.

O que era aquilo?

Gronc! Grrrronc! Grrrrrrraaaaaaac!

A desengonçada e desalinhada silhueta de uma garça singrava dos canaviais, esgaravatando o céu.

As suas asas não batiam com majestosos movimentos em câmara lenta, como uma garça normal. Içava-se frenética, exatamente como se subisse uma escada invisível em caracol, aos saltos. Depois, quando já estava bem alto, tombou rebolando na direção do mar, para lá do pântano. Algo a assustara muito. Mas o quê? Algo no pântano a assustara. E ver a garça tão assustada assustava Lucy.

O pântano sempre fora um lugar solitário. Sentia agora essa solidão. Enquanto ali se mantinha de pé, a olhar para cima, o céu azul-rosado de nuvens macias movia-se devagar. Percorreu o canal com o olhar, onde os juncos se reclinavam todos para um lado, arqueando suavemente na leve brisa. A enguia já não se via. Será que ainda se retorcia, com a cabeça espreitando na ondulação, enquanto era levada pela suave corrente até ao pântano? Olhou para o esgoto em baixo, debaixo da ponte. A água negra movia-se em silêncio, com pregas e remoinhos que formavam pequenas espirais de luz.

E aconteceu de novo. A ponte saltou-lhe por baixo dos pés e o gradil sacudiu-lhe a mão. No mesmo instante, a superfície da água do esgoto turvou-se com uma repentina malha de pequenas ondas por todo o lado.

Um terramoto! Tinha de ser um terramoto.

Uma espécie completamente nova de terror tomou conta de Lucy. Durante uns segundos, nem se atreveu a mexer-se. A ideia de a ponte colapsar e a deixar cair para dentro do canal com as suas enguias a retorcerem-se já era bastante má. Porém, a ideia de uma enorme fenda a abrir-se no pântano e de ela, e toda a água e lama e enguias e juncos serem sugados para uma escuridão sem fundo, se calhar até mesmo para o centro da Terra, era muito pior. Sentiu os dedos dos pés a enrolarem-se como garras e formigueiros eletrizantes nas plantas dos pés.

Começou a andar rápido — mas era como caminhar sobre uma tábua estreita e elástica entre arranha-céus. Levantava cuidadosamente cada pé antes de o pousar firme mas também delicadamente. Ia tão depressa quanto se atrevia, e ainda assim era tão devagar. Mas logo a seguir — não se conseguiu conter — desatou a correr. E se o abalo do terramoto tivesse derrubado o teto em cima da sua mãe? Ou mesmo arrasado a aldeia, como peças de dominó? E se alguma máquina grande, daquelas que se torreavam pela fábrica, se tivesse desmoronado sobre o seu pai?

E depois, enquanto Lucy corria, aconteceu de novo, desequilibrando-a de tal maneira que o pé esquerdo bateu na canela direita, deitando-a ao chão. E, enquanto estava ali deitada por terra, e sem fôlego, aconteceu de novo. Desta vez, pareceu-lhe que era a estrada que lhe batia no peito e estômago, um soco forte e seco. E depois outro. E sempre que acontecia via a gravilha da estrada por baixo do seu rosto saltar ligeiramente. E foi nesse instante, ainda deitada no chão, que ouviu o mais estranho dos ruídos. Não se parecia com nenhum pássaro conhecido. Vinha do pântano atrás dela. Era um longo e choroso grito, como a sirene de um carro dos bombeiros. Levantou-se num salto e largou a correr às cegas.

A cabeça já estava de fora. Ainda não se parecia bem com uma cabeça — era simplesmente um gigantesco e negro alto, coroado com juncos e a escorrer lama. Mas a boca já se via, e depois daquele primeiro grito os lábios moviam-se devagar, como os de um caranguejo, cuspido limo e raízes.

Passou meia hora antes que o alto se mexesse outra vez. À medida que se movia, os juncos que estavam dos lados elevavam-se aos montes

e erguiam-se, e o negro e aguado lodo fluía pelo meio. A boca abriu-se e de lá saiu um longo e retumbante arquejo, enquanto a cabeça se libertava. Outro arquejo levantou-se num rugido gemebundo. Uma gaivota que pairava sobre o pântano como um fiapo de papel guinou abruptamente para cima, enquanto uma silhueta cascadeada se erguia mesmo à sua frente, como um repentino muro de um penhasco, de onde escorriam levadas de negro lodo e bossas, com nodosas raízes de juncos dos quais saíam cobras-de-água a serpentejar e ratos-de-água a esgaravatar com as suas patas dianteiras, piscando os olhos e chiando à medida que resvalavam.

A negra silhueta era do tamanho de dois ou três elefantes. Parecia um dinossauro gigante com cabeça de hipopótamo, arrastando-se, de gatas, para fora de uma caverna de alcatrão pré-histórica. Mas agora, quieta como um dinossauro, sentava-se direita. E, de repente, já parecia humana — imensa, mas humana. Cravava as enormes garras das mãos na cabeça, atirando fora pedaços de juncos enlameados. Depois, entre sorvos e gorgolejos, e com um longo e choroso grito, a coisa pôs-se em pé. Uma estátua de lama negra, com a forma humana,

verdadeiramente colossal, penteava-se com os dedos dobrados como um ancinho e gemia, torrendo sobre o solitário pântano.

A cerca de oitocentos metros dali um observador de aves dobrava-se sobre um ninho de abetouros, segurando uma ave morta e sentindo os ovos frios que ela estivera a chocar. Tinha estado a observar esta ave todo o dia do seu esconderijo, apenas a três metros de distância, à espera de ver os ovos eclodirem. Sabia que os pintos já deviam ter nascido. Quando aqueles solavancos vieram, sacudindo a sua câmara do tripé, tinha-se convencido de que eram explosões distantes de pedreiras. Achara que o estranho grito tinha sido uma espécie de sirene de uma fábrica. Sabia que havia uma grande fábrica nos subúrbios da cidade, a cerca de três ou quatro quilómetros dali. Que mais é que podia ser? E, quando veio aquele segundo grito retumbante, tinha acabado de ver algo muito mais perturbador. Duas grandes varejeiras inspecionavam o olho do abetouro no seu ninho. Em choque, apercebeu-se de que a ave estava morta. Tinha estado todo o dia a observar um pássaro morto e provavelmente no dia anterior também. Isto era



bem mais importante do que qualquer barulho. Portanto saiu, atravessou a água e, com as mãos, levantou a mãe dos seus ovos. Ficou horrorizado. Ela estava bastante rígida.

E foi então, enquanto ali estava de pé, a pensar que seria melhor levar a ave e os seus ovos para serem analisados por um cientista, para saber o que os matara, foi então que veio o terceiro gemido, muito mais alto do que os anteriores. Ao mesmo tempo o pântano tremeu como uma imensa gelatina e o observador de pássaros pensou: Um terramoto! E provavelmente é uma sirene a avisar!

Tinha montado o seu esconderijo na franja de uma saliência de terra mais alta, que saía da estrada para dentro do pântano. Atrás de si, grandes e frondosos chorões tapavam-lhe a vista para aquilo que aterrorizara a garça e a gaivota. Mas a ideia do terramoto já o assustava quanto bastasse. Com os ovos frios aninhados numa mão, com o abetouro aconchegado debaixo do braço, pegou na máquina fotográfica e voltou para o seu carro estacionado no meio dos chorões. No instante em que abriu a porta do carro, um novo abanão sacudiu-o.

Conduziu por trilhos de erva submersos até à estrada, próximo da ponte onde Lucy estivera a

observar a enguia. Quando virou à direita, em direção à cidade, os seus olhos arregalaram-se e o seu cérebro começou a girar. A grande torre negra, oscilante e granulosa, cerca de noventa metros mais à frente, não era, com certeza, uma coisa de nada. A não ser que fosse uma espécie de estrutura para antenas, algo relacionado com radares, provavelmente, com redes de camuflagem penduradas. Ao mesmo tempo que se deslocava, esforçava-se por formular uma explicação. Era provavelmente um moinho, sem braços, a ser transportado — tal como se transportam casas inteiras na América. Ou então era uma produtora cinematográfica qualquer a fazer um filme, um filme de terror; podia ser isso, o que explicava também os sons hediondos. Simplesmente não sabia o que pensar — portanto, continuou a conduzir em direção àquilo.

Mas, quando a coisa pôs um pé na estrada, imediatamente à sua frente, pregou o travão a fundo.

Isto, pensou, é algo novo. Isto tinha saído sozinho do lamaçal do pântano. Moitas e emaranhados de juncos deslizavam ainda ao longo de toda a sua negra altura, juntamente com o lodo. À medida que se apercebia do que estava a ver, sentiu

enregelar-se-lhe o coração. Isto eram as suas veias a tentar não perder o último pingo de sangue. Lágrimas de puro terror começaram a escorrer-lhe pela cara. Mas ele era fotógrafo — e os fotógrafos a sério jamais desperdiçam uma oportunidade. Saiu do carro levando a máquina fotográfica com ele, retirou a tampa da lente e curvou-se para cima do visor.

Estava tudo negro. Andou para trás, baloiçando a máquina de um lado para o outro, tentando apertar a enorme silhueta, o corpo todo, para dentro do enquadramento. Mas, quando estava mesmo a apanhá-la por inteiro, viu, através do visor, que ela pegara no seu carro. Apavorado, mas também extasiado, foi tirando fotografias e mais fotografias à medida que a gigantesca figura atirava o carro contra a estrada com toda a força. Levantava-o bem alto e atirava-o outra vez, e mais outra e outra vez, como alguém a sacudir o pó de um tapete muito pesado. O observador de aves lembrou-se, numa fugaz aflição, dos ovos de abetouro. Estavam aninhados dentro do seu boné no assento dos passageiros. Mas esqueceu-se imediatamente a seguir, quando viu tinta e vidros explodirem, como vapor, a cada violento embate do carro na estrada.

Voaram portas, saltaram pneus para os caniçais, e a boca na cabeça abriu-se. Assim que o terrível gemido da sirene saiu daquela boca, o observador de aves voltou-se e fugiu.

Por mais rápido que corresse, não foi suficientemente rápido. O louco e negro gigante lançou a lata de aço reluzente de um carro para dentro dos juncos, depois arrancou uma mão-cheia de lama do pântano, em que se emaranhavam grumos com raízes de ervas.

O observador de aves achou que tinha sido apanhado e pontapeado pelo monstro do pântano. Mas afinal tinha sido um pedaço de lama arremessada que o atingira por trás, e que o cobriu, e o arrastou por metros e metros estrada fora. Debateu-se para se livrar daquilo, apertando a máquina gordurosa, cuspendo o lodo podre e preto e, encharcado, largou a correr pela vida.

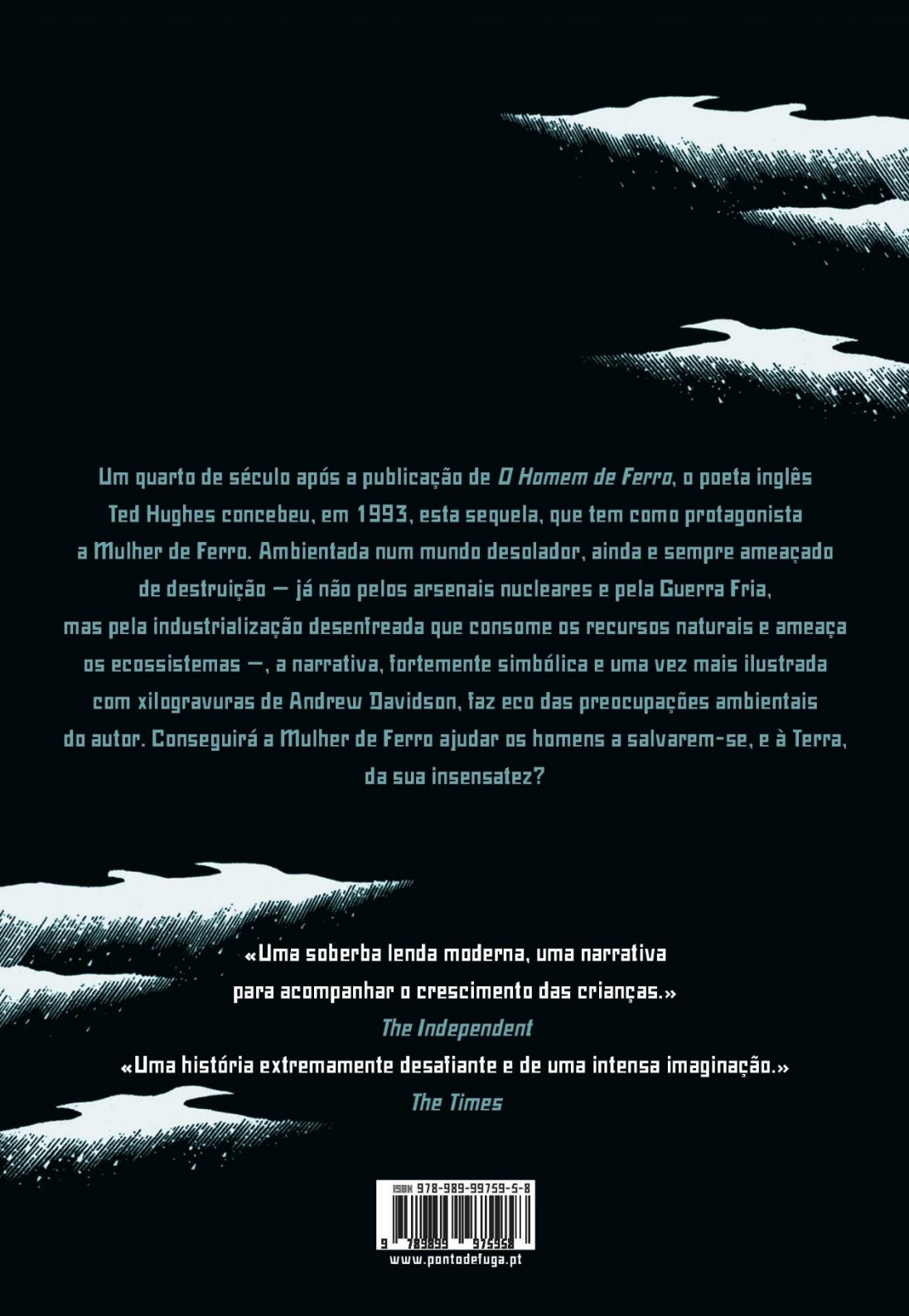
Quando chegou a casa, Lucy encontrou tudo como de costume. A mãe não sentira abalos ou tremores. Não fazia ideia daquilo que a filha lhe contava. Quando o pai chegou a casa, à noite, informou-as sobre o grave acidente que houvera na estrada do pântano. Um observador de aves

perdera o controlo da sua viatura e desviara-se da estrada. E também tinha ficado avariado da cabeça. Entrara no posto dos correios da aldeia com um chorrilho de disparates. A polícia levara-o de volta à cidade onde estava hospedado. O carro fora destruído. Curioso — nem um pingo de tinta tinha. E a estrada estava um caos. Parecia que ultrapassara a barreira do som. Um verdadeiro mistério.

Ao ouvir isto, Lucy imaginou que tipo de disparates dissera o observador de aves. Se calhar aqueles abalos tinham-no atirado para fora da estrada, dando-lhe a volta ao juízo, tudo ao mesmo tempo. Lembra-se constantemente daquele horrível grito chorocho. O que se passava no pântano? Enquanto estava ali sentada à mesa, viu os braços ficarem cheios de pele de galinha.

Depois começou a pensar na enguia retorcida.

CONTINUA...



Um quarto de século após a publicação de *O Homem de Ferro*, o poeta inglês Ted Hughes concebeu, em 1993, esta seqüela, que tem como protagonista a *Mulher de Ferro*. Ambientada num mundo desolador, ainda e sempre ameaçado de destruição — já não pelos arsenais nucleares e pela Guerra Fria, mas pela industrialização desenfreada que consome os recursos naturais e ameaça os ecossistemas —, a narrativa, fortemente simbólica e uma vez mais ilustrada com xilogravuras de Andrew Davidson, faz eco das preocupações ambientais do autor. Conseguirá a *Mulher de Ferro* ajudar os homens a salvarem-se, e à Terra, da sua insensatez?

«Uma soberba lenda moderna, uma narrativa para acompanhar o crescimento das crianças.»

The Independent

«Uma história extremamente desafiante e de uma intensa imaginação.»

The Times



www.pontodefuga.pt